

A Conferência Nacional  
dos Bispos do Brasil

A comunidade dos índios Pataxó Hã-Hã-Hãe denuncia, através desse documento, as condições desumanas as quais está submetida na fazenda São Lucas, localizada na reserva indígena Paraguaçu-Caramuru, no sul da Bahia.

Somos quase 700 índios, dos quais 150 crianças, concentrados numa área restrita de 2 hectares. Não temos liberdade de sair desse local, que está cercado por 127 policiais militares que impedem o acesso à fazenda de mais 1.500 irmãos Pataxó, que se encontram nas proximidades. Em volta de nós, os fazendeiros nos ameaçam com armas poderosas e violência.

A Funai fornece mantimentos para a nossa comunidade, mas não deixa que a gente plante na área. E com isso não conseguimos garantir por nossas próprias mãos o nosso alimento. Não podemos trazer a nossa criação da fazenda Almada, onde estávamos, e já perdemos uma parte das nossas 60 cabeças de gado, por falta de assistência da Funai. Enquanto o tempo passa, estamos cada vez mais nas mãos da Funai para conseguir o alimento da nossa comunidade. Não queremos isso. Queremos poder cultivar e criar.

Nem água podemos conseguir sozinhos. Dependemos de um carro-pipa da Funai para beber e cozinhar. Uma vez por dia, esse carro chega na área e espalha água sobre as nossas vazilhas. Para tomar banho, usamos um poço cheio de lama. De onde estamos, podemos avistar, no local "Mundo Novo", um córrego de água limpa e clara, mas não podemos chegar até ele.

Desde que estamos sendo transferidos de área em área, a partir de novembro, já morreram duas crianças nossas. Temos medo de não resistir a essas condições tão duras e desumanas. Estamos confinados num verdadeiro campo de concentração.

A Funai diz que a gente deve esperar a decisão da Justiça. Confiamos na Justiça, mas não podemos esperar mais tempo vivendo dessa forma.

Sabemos que a terra é nossa. Temos direito a 36 mil hectares da reserva Paraguaçu-Caramuru. E esse direito não pode ser negado mais uma vez, depois de toda a luta de nosso povo para defendê-lo. A Funai, o governo, conhece os documentos que garantem a nossa terra. E nós não precisamos nem de documentos para saber que nessa terra viveram e morreram nossos avós e pais.

O que queremos da CNBB, no ano da sua campanha "Terra sim, Violência não", é que nos ajude a impedir a violência da nossa morte, seja pela falta de condições de vida seja pelas armas dos fazendeiros. Não queremos violência, mas existe violência maior do que tudo isso que está acontecendo conosco?

Brasília, 6 de janeiro de 1983